

# ANÁLISE SETORIAL

## AZEITE

*OUTUBRO DE 2020*

***Disclaimer***

*O presente documento de trabalho em desenvolvimento tem como objetivo facilitar a elaboração do Plano Estratégico do PAC pós-2020. As fontes de informação utilizadas estão devidamente identificadas.*

## ÍNDICE

1. CARACTERIZAÇÃO DO MERCADO MUNDIAL.....	3
1.1. PRODUÇÃO E OFERTA MUNDIAL .....	3
1.2. CONSUMO MUNDIAL .....	4
1.3. COMÉRCIO MUNDIAL.....	5
2. CARACTERIZAÇÃO DO MERCADO EUROPEU.....	6
2.1. PRINCIPAIS PRODUTORES .....	6
2.2. BALANÇA COMERCIAL.....	7
3. CARACTERIZAÇÃO DO SETOR EM PORTUGAL.....	8
3.1. IMPORTÂNCIA ECONÓMICA DA ATIVIDADE .....	9
3.2. ESTRUTURA PRODUÇÃO .....	10
3.2.1. Área .....	10
3.2.2. Produção .....	11
3.2.3. Explorações .....	12
3.3. RENDIMENTO DA ATIVIDADE E CUSTOS DE PRODUÇÃO .....	12
3.4. ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO.....	14
3.5. MERCADO.....	15
3.5.1. Consumo .....	15
3.5.2. Balança comercial e Comércio Internacional.....	15
3.6. QUALIDADE .....	16
4. INSTRUMENTOS DE APOIO .....	17
4.1. PRIMEIRO PILAR DA PAC .....	17
4.1.1. Medidas de mercado.....	17
4.1.2. Ajudas diretas.....	18
5. ANÁLISE SWOT .....	18
5.1. Análise interna – Pontos fortes.....	18
5.2. Análise interna – Pontos fracos.....	18
5.3. Análise externa – Oportunidades.....	19
5.4. Análise externa – Ameaças .....	20

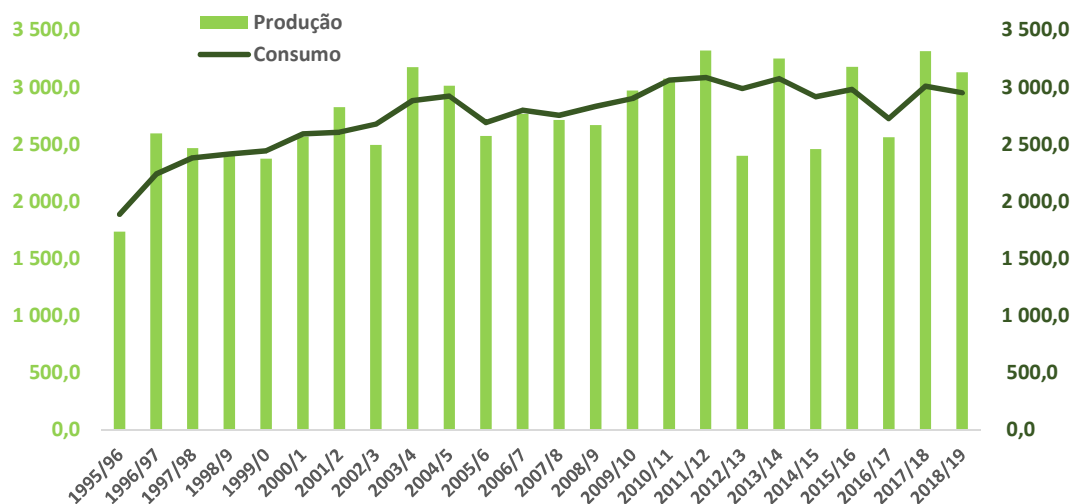
## 1. CARACTERIZAÇÃO DO MERCADO MUNDIAL<sup>1</sup>

### 1.1. PRODUÇÃO E OFERTA MUNDIAL

**A UNIÃO EUROPEIA É O PRINCIPAL PRODUTOR, CONSUMIDOR E EXPORTADOR DE AZEITE, REPRESENTANDO DESDE 2013/14 – 2018/19, 68.4% DO AZEITE PRODUZIDO, 54.2% DO AZEITE CONSUMIDO E 66.9% DAS EXPORTAÇÕES A NÍVEL MUNDIAL**

O setor de azeite tem vindo a assistir a uma expansão da produção mundial há mais de duas décadas, acompanhada pelo aumento da procura internacional, sendo a previsão para 2018/2019 de 3,2 milhões de toneladas, 7% acima da média dos últimos 5 anos.

#### Evolução da produção mundial de azeite (1.000 t)



Fonte: COI

As alterações climáticas dos últimos anos têm afetado a produção, acentuando cada vez mais a alternância entre as campanhas.

Embora existam novos países produtores de azeite, principalmente no continente americano: Argentina, Chile, Uruguai e EUA, a Bacia do Mediterrâneo continua a ser responsável por 97% da produção mundial.

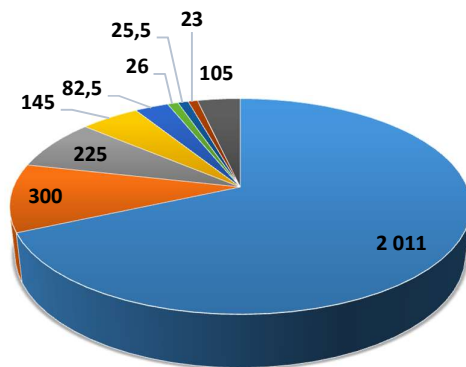
Espanha é o principal produtor mundial e Portugal com uma produção de cerca de 100 mil toneladas, detém, atualmente, a 7ª posição no ranking da produção mundial, a par com a Turquia (183 mil toneladas), a Tunísia (120 mil toneladas) e Marrocos (200 mil toneladas).

O Conselho Oleícola Internacional (COI), organização intergovernamental científica e técnica internacional em matéria de azeite e de azeitonas de mesa, criada em Madrid em 1959, tem sido um elemento decisivo para o desenvolvimento sustentável e responsável da olivicultura, na padronização do comércio, na

<sup>1</sup> Fonte: COI

estabilização do mercado e no aumento da produção e consumo no mundo, assegurando a qualidade do produto e procurando harmonizar os padrões comuns de química e os códigos aduaneiros, recompensando assim os esforços e investimentos feitos no setor olivícola global.

**Produção mundial 2019/20 (1.000 t)**



■ EU ■ TU ■ TK ■ Marrocos ■ Argélia ■ Argentina ■ Jordania ■ Palestina ■ Outros

Fonte: COI

**1.2. CONSUMO MUNDIAL**

**PRODUÇÃO E CONSUMO MUNDIAL DE AZEITE ESTÃO EQUILIBRADOS**

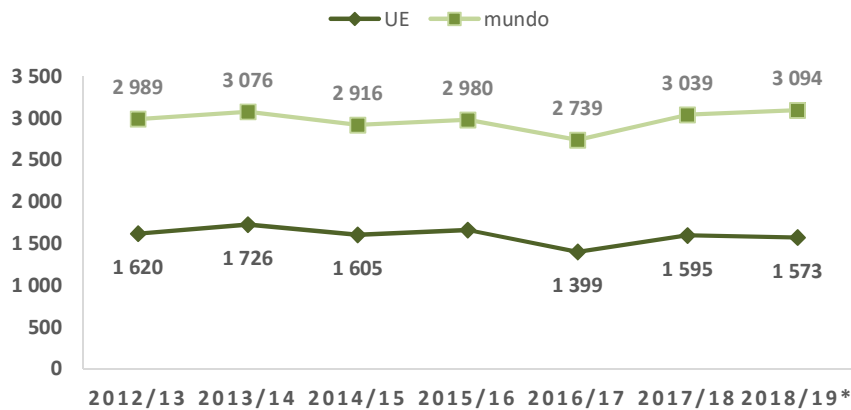
O azeite representa 1.54% das gorduras vegetais e animais consumidas no mundo.

Nos países produtores de azeite o consumo acompanha a produção, ou seja, o consumo varia de acordo com o volume da produção. Nos últimos 25 anos, o consumo mundial de azeite aumentou em 1 milhão de toneladas, de 1,8 milhão de toneladas no início dos anos 90, para 2.950,5 mil toneladas no ano 2018, a que corresponde um acréscimo de 49%, refletindo o efeito da divulgação dos resultados da investigação científica sobre os benefícios do azeite para a saúde, bem como as sucessivas campanhas promocionais levadas a cabo, nomeadamente pela União Europeia e pelo Conselho Oleícola Internacional (COI).

Os países tradicionalmente não consumidores, como os Estados Unidos da América, a China, o Japão e a Austrália têm tido um crescente aumento nos últimos anos, tendo os Estados Unidos da América quase duplicado o consumo em 15 anos, atingindo atualmente cerca de 306.000 toneladas anuais, colocando este país como o terceiro maior consumidor a nível mundial.

De registar que a produção e o consumo globais de azeite estão equilibrados, no entanto, com vista a satisfazer a crescente procura, a produção de azeite virgem em todo o mundo tem continuar a aumentar.

**Evolução do consumo mundial (1.000t)**



Fonte: COI

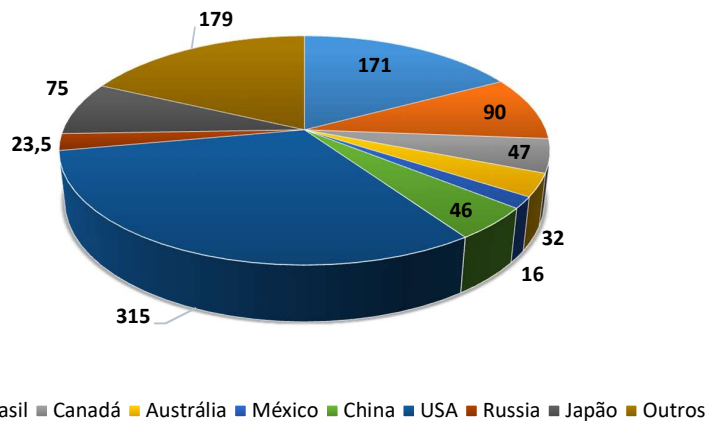
**1.3. COMÉRCIO MUNDIAL**

**FLUXOS COMERCIAIS A NÍVEL MUNDIAL, APRESENTAM-SE RELATIVAMENTE EQUILIBRADOS**, na campanha 2017/18 as quantidades importadas foram da ordem das 874,5 mil toneladas e as exportadas de 844,5 mil toneladas. Principais importadores são os países considerados novos consumidores de azeite, que no seu conjunto foram responsáveis por cerca de 63% das importações mundiais: EUA (38%); Brasil (6%); Austrália (3%); Canadá (5%); Japão (7%) e China (4%).

O Brasil teve um aumento de 13,4% (em volume) de importações de azeite relativamente à campanha anterior consequência da recuperação do mercado após a crise de 2016/17, mantendo como principais fornecedores Portugal (63,8%), Espanha e Argentina.

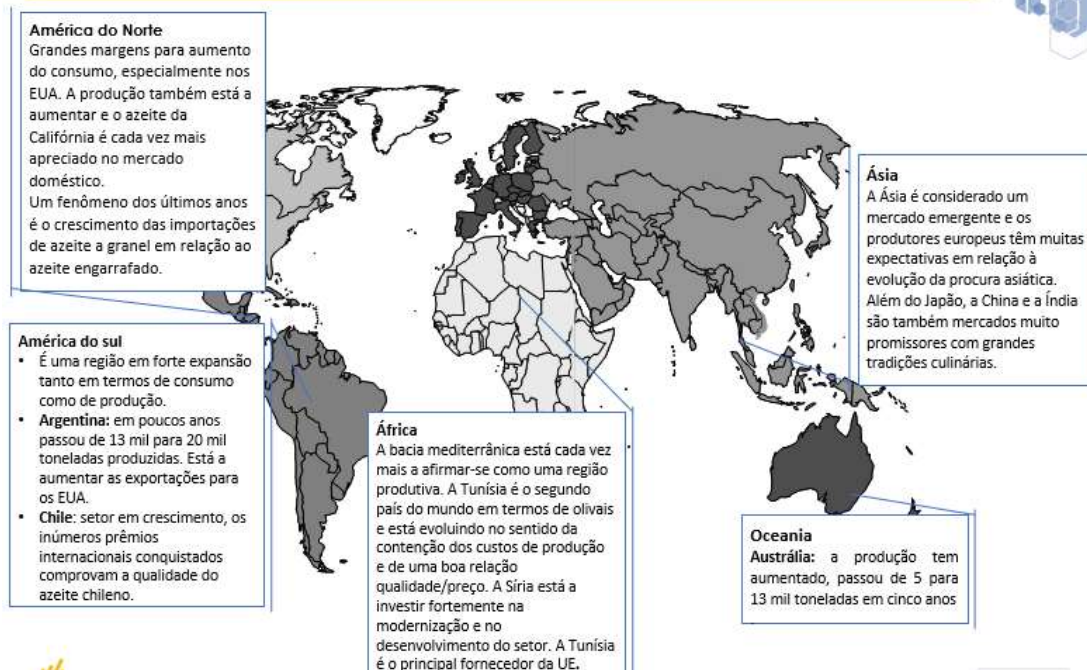
Os EUA continuam o principal importador mundial, sendo os seus principais fornecedores a Espanha e a Itália. De salientar a manutenção da tendência, neste país, da descida da importação de azeite engarrafado relativamente a azeite a granel com 70 a 80% do mercado com azeites virgem extra e bio.

**Importações Mundiais 2019/20 (10<sup>3</sup> t)**



Fonte: COI

## DINAMICA INTERNACIONAL



## 2. CARACTERIZAÇÃO DO MERCADO EUROPEU

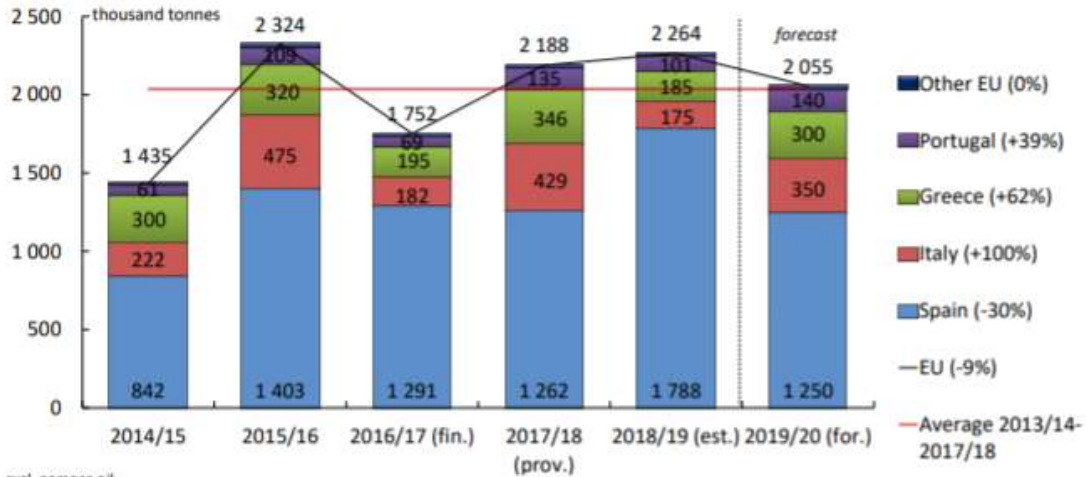
### 2.1. PRINCIPAIS PRODUTORES

**UE É RESPONSÁVEL POR 76% DA PRODUÇÃO MUNDIAL DE AZEITE**, sendo os principais produtores a Espanha, que produz cerca de um terço de toda a produção mundial (1.790 mil toneladas).

O setor do azeite na UE é dominada por quatro países produtores: Espanha (78%), Itália (8%), Grécia (9%) e Portugal (5%). França, Chipre e Eslovénia são também países produtores, mas com valores pouco significativos.

A produção da UE, na campanha 2018/2019, atingiu as 2,3 milhões de toneladas (+11% que a média dos últimos 5 anos), tendo a Espanha atingido um recorde de 1,79 milhões de toneladas, o que representou 56,3% da produção mundial de azeite.

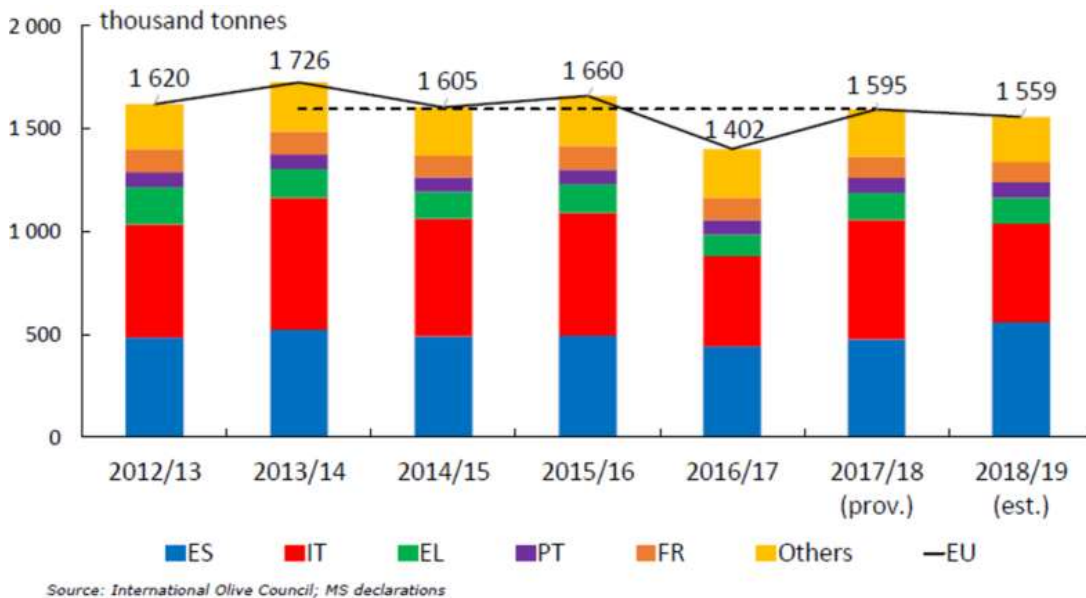
**Produção de azeite na UE**



De referir que o consumo de azeite na União Europeia se mantém estável e representa cerca de 55% do consumo mundial.

A tendência de queda constante dos preços desde o início de janeiro de 2018 (3,5€/kg em Espanha) manteve-se ao longo de toda a campanha 2018/2019, registando-se no início da campanha 2019/2020 preços entre 2,3 e 2,5 €/kg.

**Consumo de azeite na UE**



**2.2. BALANÇA COMERCIAL**

**UE É UMA EXPORTADORA LÍQUIDA**, tendo a procura global de azeite produzido na UE tido um crescimento sustentado, sobretudo nos EUA e nos mercados asiáticos.

Durante os primeiros 10 meses da campanha de comercialização (2018/2019), 648.8 mil toneladas de azeite da UE foram exportadas para países terceiros, principalmente para os EUA (36% das exportações), Brasil (11%), Japão (10%) e China (7%). As exportações intra-UE aumentam 13,5% em relação à campanha anterior, atingindo 968 mil toneladas nos primeiros 10 meses.

**Balança comercial dos países produtores (1000t)**

	2018/2019 (bilan est.)								
	STOCK final	Utilisation	EXPORT			IMPORT			Production
			total	extra	intra	total	extra	intra	
ESPAGNE	758.4	534.0	1009.0	346.0	663.0	138.1	79.0	59.1	1787.7
ITALIE	43.0	390.5	306.4	204.8	101.6	515.4	44.3	471.1	175.0
GRECE	41.7	99.2	110.1	19.8	90.3	2.7	0.0	2.7	185.0
PORTUGAL	0.0	52.2	168.6	71.1	97.5	112.4	1.2	111.2	101.1
FRANCE	15.0	108.3	5.1	1.6	3.5	90.8	6.8	84.0	5.5
CHYPRE	0.7	6.7	0.0	0.0	0.0	0.5	0.0	0.5	5.1
SLOVENIE	0.0	2.3	0.1	0.1	0.0	1.4	0.0	1.4	0.9
MALTE	0.1	1.1	0.0	0.0	0.0	1.1	0.0	1.1	0.0
CROATIE	0.0	7.6	0.2	0.0	0.2	3.2	0.0	3.2	3.6
AUTRES CE	0.0	219.2	17.3	5.4	11.9	236.5	3.5	233.0	0.0
<b>TOTAL</b>	<b>858.8</b>	<b>1421.0</b>	<b>1616.8</b>	<b>648.8</b>	<b>968.0</b>	<b>1102.1</b>	<b>134.8</b>	<b>967.3</b>	<b>2263.9</b>

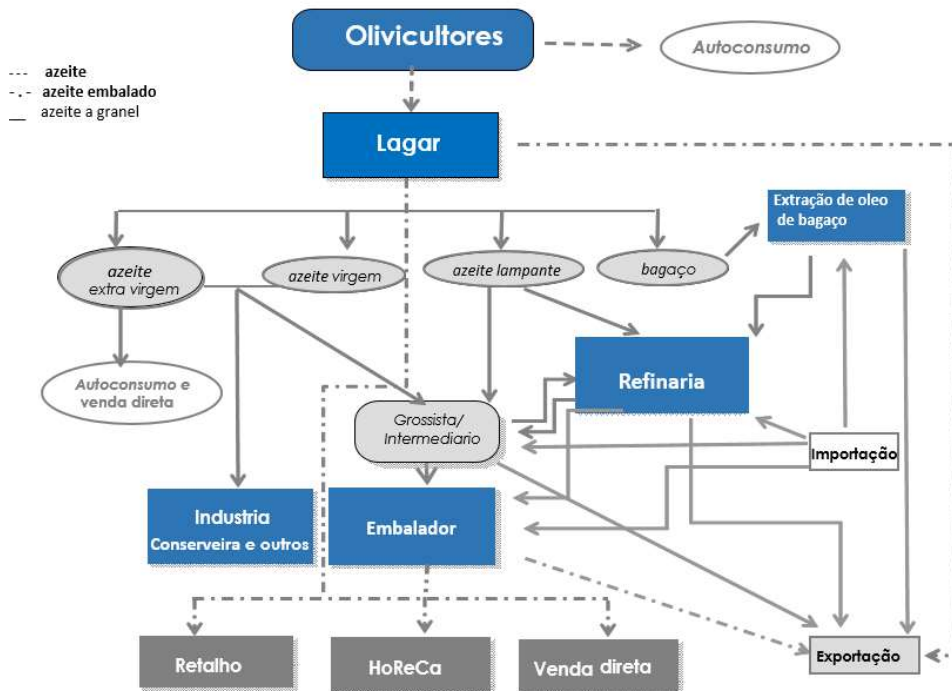
Fonte: COI

### 3. CARACTERIZAÇÃO DO SETOR EM PORTUGAL

Portugal tem ótimas condições edafoclimáticas para a cultura do olival, onde as oliveiras fazem parte integrante da paisagem portuguesa e o azeite figura praticamente em toda a gastronomia tradicional.

Cerca de 40% da área de olival está concentrada em cerca de 2.000 explorações, de área média de mais de 20 ha, reflexo entre outros fatores, do dinamismo, progresso tecnológico e melhor gestão do setor, que beneficia de economias de escala e valor de exploração otimizado.





Entre 1998 e 2018 o número de lagares em laboração diminuiu substancialmente, passando de 886 para 486, essencialmente devido a maiores exigências higiénico-sanitárias e ambientais relacionadas com o licenciamento.

**Tipo de Lagares**



Fonte: GPP/dados INE

### 3.1. IMPORTÂNCIA ECONÓMICA DA ATIVIDADE

#### TENDÊNCIA CRESCENTE NO AUMENTO DO PESO DO SETOR NAS CONTAS ECONÓMICAS

O setor do azeite, com um valor de produção de 113.4 milhões de euros em 2018, representa 1,6% da produção agrícola nacional e 2.7% da produção vegetal nacional, verificando-se uma tendência crescente no aumento do peso deste setor nos últimos anos, onde, em 2007 tinha um peso de apenas 0,8%.

### 3.2. ESTRUTURA PRODUÇÃO

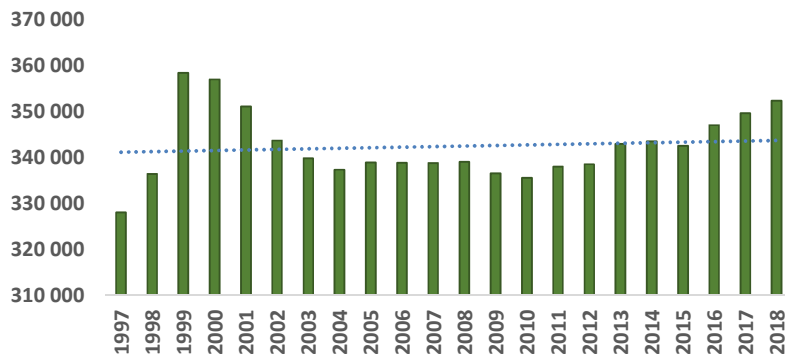
#### 3.2.1. Área

#### ÁREA DE OLIVAL NACIONAL ESTABILIZADA LIGEIRAMENTE ACIMA DE 340 MIL HA

Portugal foi sempre um país de olivicultores, contudo, entre os anos 1950 e 1998 registou-se uma tendência para a substituição das áreas de olival por outras culturas, verificando-se em simultâneo o envelhecimento dos olivais devido essencialmente aos elevados custos de produção.

A área de olival em Portugal é a quarta maior da União Europeia, correspondendo a 7% dos 4,7 milhões de hectares dedicados a esta cultura, sendo responsável por 3,4 % da produção mundial de azeite (2017). Entre 1998 e 2006, no âmbito de um Programa cofinanciado pela UE, foram reconvertidos e plantados 30.000 ha de olival, aposta política no setor para travar o declínio da área, tendo estabilizado em cerca de 340 mil ha entre 2006 e 2010. Entre 2010 e 2018 a área nacional de olival para azeite teve um crescimento de 5%, devido sobretudo ao aumento das plantações no Alentejo (7%), prevendo-se que a área continue a aumentar nos próximos anos. Por outro lado, é de registar o assinalável aumento da produção ao longo dos últimos 10 anos, que passou de 32 mil toneladas em 2007 para 135 mil em 2017, rondando a produção média ao longo deste período as 70 mil toneladas.

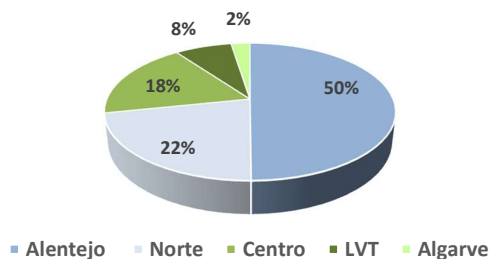
#### Evolução da área de olival em Portugal (ha)



Fonte: GPP/dados INE

O olival para azeite ocupava em 2018 uma área global aproximada de 352.404 ha, dos quais cerca de 6% correspondem a olivais modernos em copa e em sebe, sendo a região do Alentejo preponderante com 70% da produção nacional (olival representa 9% da SAU desta região), consequência do investimento efetuado pelo setor oleícola na região, principalmente no perímetro de rega do Alqueva.

**Distribuição regional da superfície de olival (%)**



Fonte: GPP/Dados INE2018

**3.2.2. Produção**

**PORTUGAL, 7º PAÍS PRODUTOR DE AZEITE A NÍVEL MUNDIAL**

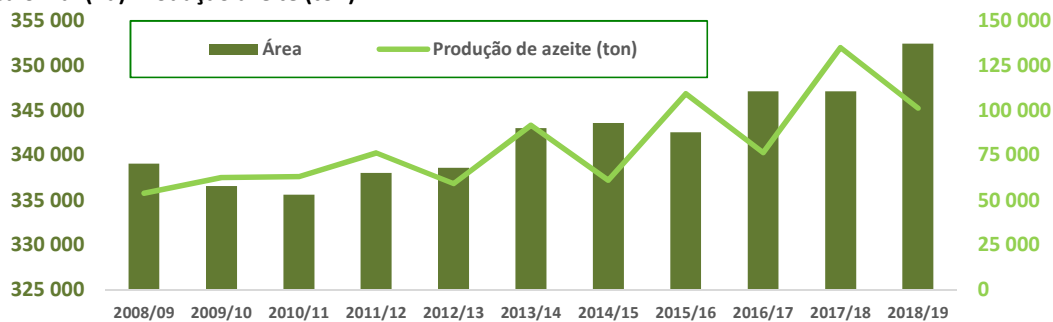
A produção de azeite tem crescido de forma muito significativa, em função nomeadamente do aumento de produção de azeitona, da introdução de variedades com maior rendimento industrial, da adoção de novas tecnologias mais intensivas com custos de produção mais baixos da instalação de lagares com tecnologia de extração cada vez mais moderna, situação reveladora de dinâmicas empresariais mais orientadas para o mercado. Tal como na produção de azeitona, verificaram-se oscilações anuais dependendo dos anos de safra e contrassafra, no entanto regista-se um aumento médio anual de 25 mil toneladas nos últimos 15 anos. Por outro lado, é de registar o assinalável aumento da produção ao longo dos últimos 10 anos, que passou de 54 mil toneladas em 2008 para 101 mil em 2018, rondando a produção média ao longo deste período as 70 mil toneladas.

Na campanha 2017/2018 foram ultrapassadas as 135 mil toneladas, muito acima do recorde das 109 mil alcançadas há 4 anos.

Na região do Alentejo, a modernização do setor permitiu que, entre 1998 e 2015, um aumento de 1,17 vezes da área de olival multiplicasse por sete a produção regional de azeite.

Portugal é autossuficiente em azeite desde 2014 e é responsável por 3,4 % da produção mundial de azeite (2017).

**Área olival (ha) Produção azeite (ton)**



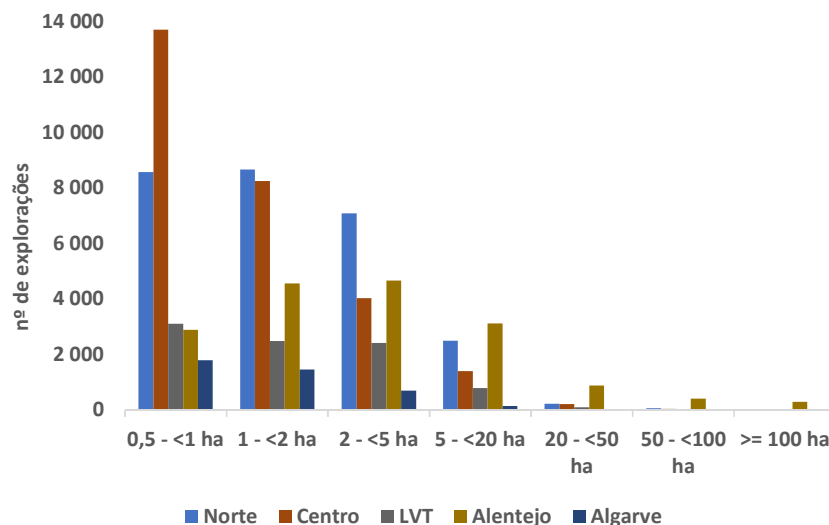
Fonte: GPP/dados INE

### 3.2.3. Explorações

Das explorações agrícolas com olival, 76% tem menos de 2ha e situam-se maioritariamente nas regiões Norte e Centro. No Alentejo situam-se 91% das explorações com áreas superiores a 100ha.

Por outro lado, em 2016, os olivais modernos em copa e em sebe de regadio ocupavam uma área de 88.782ha sendo que 89% se encontram na região do Alentejo.

#### Explorações agrícolas com Olival por Classes de Área



Fonte: GPP/dados INE

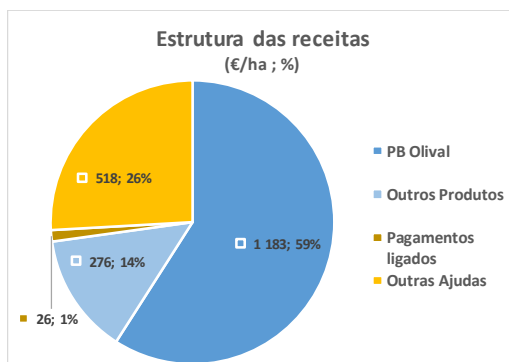
### 3.3. RENDIMENTO DA ATIVIDADE E CUSTOS DE PRODUÇÃO

Com o objetivo de caracterizar a estrutura de rendimento das explorações de olival, optou-se, para não perder a essência das características do rendimento da cultura – e tendo em atenção que a unidade de análise da informação RICA é a exploração agrícola e não a atividade –, por selecionar aquelas onde o produto bruto (PB) da atividade olival foi superior a 50% do produto bruto total da exploração obtido no mercado nos anos contabilísticos de 2016, 2017 e 2018. Assim, toda a análise efetuada se baseia nos resultados de uma amostra de 234 explorações (média anual de 78 explorações), representando, após extrapolação, 4.256 explorações em média por ano.

Os vários níveis de resultados, embora dizendo respeito à totalidade das atividades das explorações acima descritas (PB olival > 50% PB total), são nesta análise referenciados ao hectare de olival, para uma melhor compreensão e facilidade de enquadramento de possíveis necessidades de apoio específico a esta atividade.

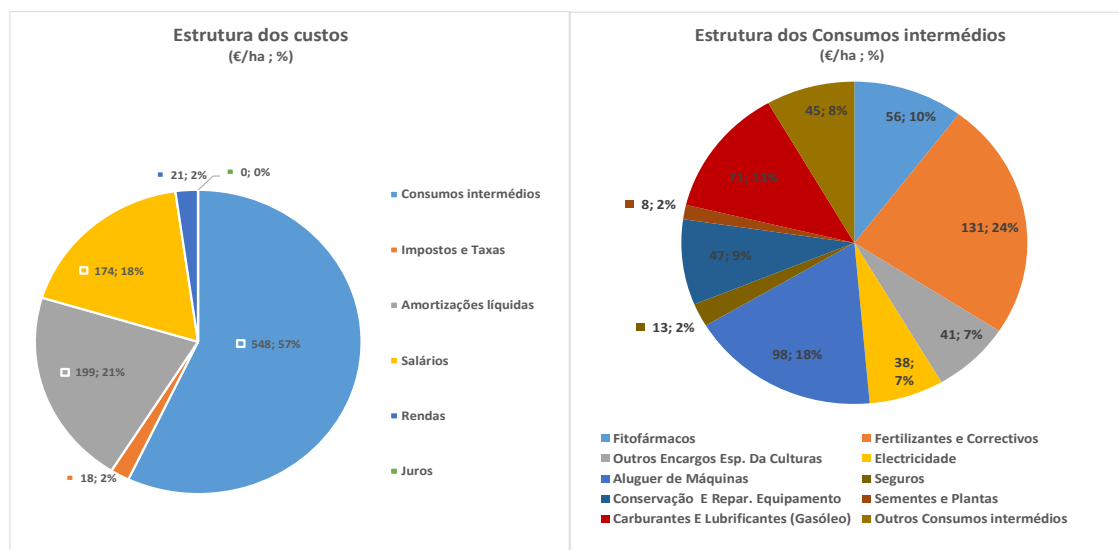
Componentes do rendimento: As explorações com orientação produtiva para o olival obtêm cerca de 73% dos seus proveitos no mercado, seja diretamente do olival (59%), seja através de outras receitas de mercado (14%), o que demonstra que o grau de especialização não é, em média, muito elevado. Os restantes proveitos (27%) dizem respeito a apoios públicos, na sua esmagadora maioria apoios não ligados à produção (26%).

**Estrutura das receitas por ha de olival das explorações com orientação produtiva olival (média 2016-2017-2018)**



Os consumos intermédios representam uma parte significativa (57%) do total de encargos das explorações, demonstrando ser um setor onde os fatores externos e as amortizações têm uma elevada expressão, representando cerca de 39% do total de encargos reais das explorações. Os consumos intermédios apresentam a suas maiores fatias nos fertilizantes e corretivos e na componente aluguer de máquinas.

**Estrutura de custos por ha de olival das explorações com orientação produtiva olival (média 2016-2017-2018)**

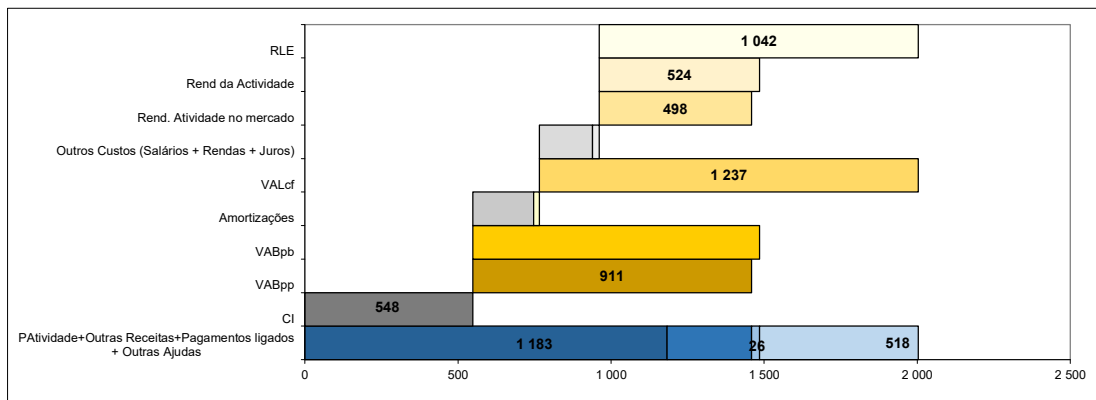


Na Erro! A origem da referência não foi encontrada.pode-se observar, de forma gráfica, as diversas componentes do rendimento líquido de exploração. As explorações de olival apresentam, em média, um rendimento líquido de exploração de 1.042 EUR/ha de olival e por ano. É com este valor que os agricultores têm de remunerar os fatores próprios que colocam na exploração, seja o capital próprio, seja a mão-de-obra familiar.

Observa-se igualmente o nível de rentabilidade média das atividades no mercado, ou seja, a capacidade de as atividades da exploração num quadro de apoios totalmente desligados da produção, subsistirem per si,

através do rendimento que obtêm do mercado. Neste caso, o rendimento proveniente do mercado corresponde, em média, a 498 EUR/ha de olival (48%) do total do rendimento líquido.

**Resultados económicos por ha de olival das explorações com orientação produtiva olival (média 2016-2018)**



Estes valores demonstram que, em média, a atividade apresenta rendimentos líquidos da atividade positivos sem apoio de políticas, e que as políticas atuais desempenham um papel essencial no suporte ao rendimento empresarial destes agricultores.

**3.4. ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO**

Existem atualmente (31 de dezembro de 2017) 5 OP reconhecidas para o setor do Azeite, que representam um grau de organização de 29%, sendo de registar o aumento verificado entre 2015 em que apenas existiam 2 OP reconhecidas, representando 5% do grau de organização.

As OP localizam-se todas na região do Alentejo e detêm um Valor da Produção Comercializada (VPC) de 35,5 milhões de euros, a que corresponde um VPC médio de 7 Milhões de euros, sendo de registar o aumento de 180% deste valor desde 2015.

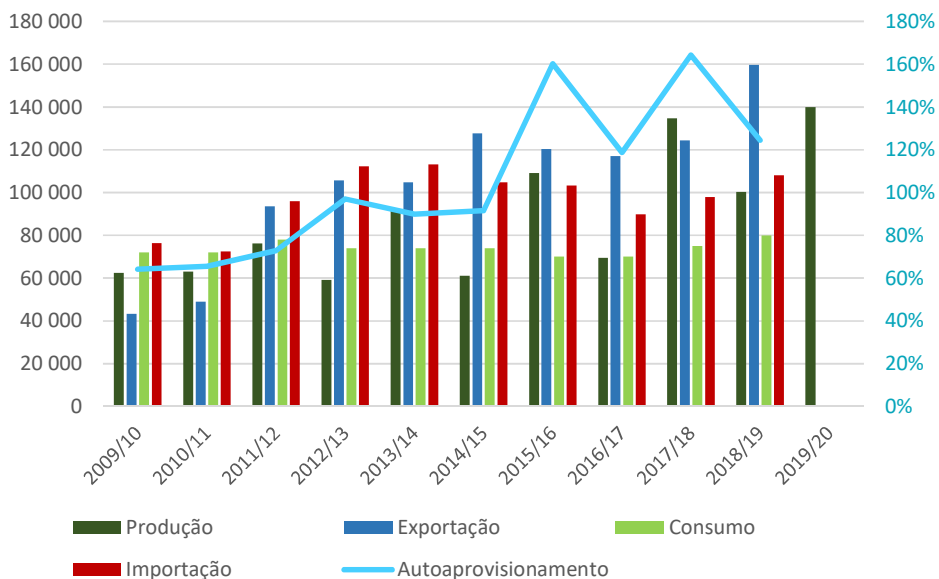
Através de Despacho n.º 14538/2015 de 9 de dezembro, foi reconhecida a Interprofissional da fileira do azeite AIFO permitindo ao setor olivícola beneficiar de capacidade para a promoção do diálogo e da transparência do mercado, visando o equilíbrio da distribuição de valor entre os vários agentes da fileira, num esforço de autorregulação, demonstrativo do dinamismo do setor que representa. A AIFO — Associação Interprofissional da Fileira Olivícola, com âmbito nacional, é representativa da fileira do azeite, da azeitona e seus derivados, nas vertentes da produção, transformação e comercialização, e tem como objeto a promoção, fomento e apoio ao grupo de produtos agroalimentares constituídos pelo azeite, azeitona e seus derivados.

### 3.5. MERCADO

#### 3.5.1. Consumo

O consumo de azeite em Portugal, registou uma evolução muito positiva comparativamente ao início da década de 90, em que o consumo *per capita* se situava em 2,6 kg, atingindo atualmente um valor de 7,1 kg *per capita*, resultante da “descoberta” do azeite como produto natural, saudável e com inúmeros benefícios para a saúde humana.

#### Balanço (ton)



Fonte: GPP/dados INE

#### 3.5.2. Balança comercial e Comércio Internacional

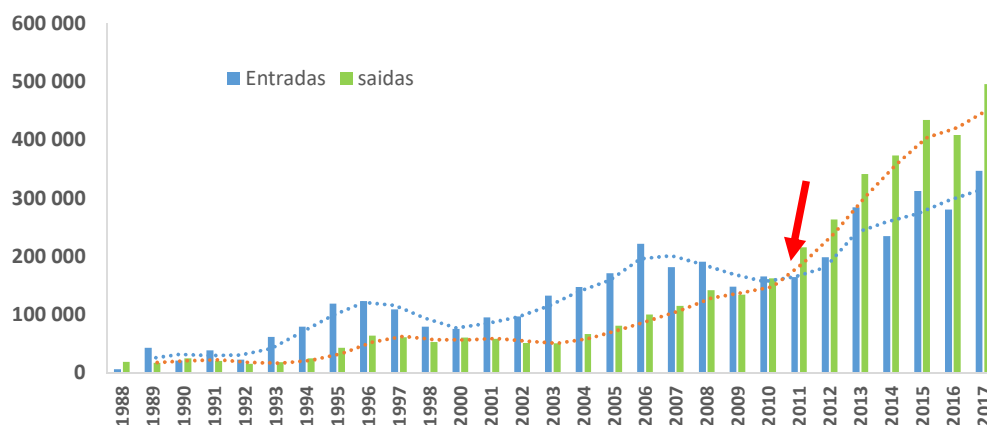
##### PORTUGAL, VERTENTE EXPORTADORA NO AZEITE

Portugal tem uma orientação exportadora acima dos 100% desde o ano 2011. Atualmente existe uma tendência para estabilizar os custos de produção e diminuir assim os custos para o produtor, estando o setor nacional a apostar na consolidação dos mercados tradicionais de exportação, e na orientação para novos mercados.

Em 2018, as exportações representaram, em valor, 579 milhões de euros, em que cerca de 82% corresponde a azeite virgem extra, sendo os principais destinos na União Europeia a Espanha (33%), seguido de Itália (17%) e França (3%). Por sua vez, as saídas, para países terceiros, que correspondem a 43% do total, são sobretudo para o Brasil, principal destino (38%), seguido de Angola (2%).

As importações envolveram um montante de 330 milhões de euros em 2018 (108 mil toneladas), sendo as entradas quase na totalidade de Espanha (96%).

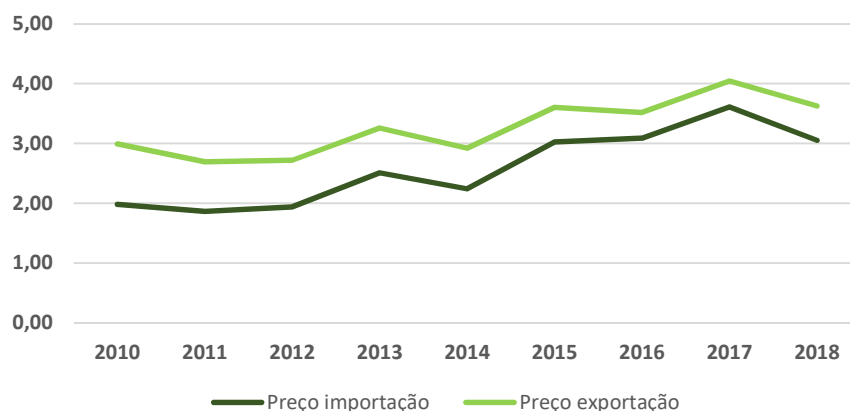
**Balança Comercial - 1988-2017 (Milhões de €)**



Fonte: GPP/Dados INE

Evolução favorável em termos de trocas, com os preços médios de exportação superiores aos da importação; Inversão da balança comercial a partir de 2011, com saldo da balança comercial positivo desde então.

**Preço Médio de Importação e de Exportação (€/Kg)**



Fonte: GPP/Dados INE

**3.6. QUALIDADE**

Uma DOP é um nome geográfico ou equiparado que designa e identifica um produto originário desse local ou região, cuja qualidade ou características se devem essencial ou exclusivamente ao meio geográfico específico, incluindo fatores naturais e humanos, cujas fases de produção têm lugar na área geográfica delimitada. No caso do setor do azeite existem vários produtos reconhecidos:

Produto	Explorações (nº)	Área (ha)	Produção (L)
Azeites do Norte Alentejano	92	1 198	197 738
Azeite de Moura DOP <sup>(1)</sup>	469	14 701	1 753 600
Azeite de Trás-os-Montes DOP <sup>(1)</sup>	419	3 586	684 498



<b>Azeite do Alentejo Interior DOP</b>	153	n.r.	36 102
<b>Azeite da Beira Alta DOP</b>	12	46	18 747
<b>Azeite da Beira Baixa DOP</b>	13	46	26 126
<b>Azeites do Ribatejo DOP <sup>(1)</sup></b>	5	114	19 159
<b>TOTAL</b>	<b>1 163</b>	<b>19 691</b>	<b>2 735 970</b>

<sup>(1)</sup> A fonte de informação foi o respetivo OC

n.r. - Inquérito não respondido

Fonte: DGADR 2017

## 4. INSTRUMENTOS DE APOIO

### 4.1. PRIMEIRO PILAR DA PAC

#### 4.1.1. Medidas de mercado

A Organização Comum dos Mercados de Produtos Agrícolas através do Regulamento nº 1308/2013, financia programas de trabalho para apoiar o setor do azeite e das azeitonas de mesa ao nível das Organizações de Produtores com envelopes fixos para Grécia, França e Itália.

Com um caráter mais abrangente e geral, existem ao abrigo do Regulamento OCM (UE) n.º 1308/2013, várias ferramentas de mercado disponíveis para o setor do azeite e das azeitonas de mesa que permitem garantir uma rede de segurança em caso de grave desequilíbrio de mercado.

#### ✓ Armazenagem privada

A ajuda à armazenagem privada de azeite suporta parte dos custos de armazenagem enquanto os produtos são temporariamente retirados do mercado. A abertura da ajuda à armazenagem privada não é automática (ao contrário da intervenção pública) e exige a adoção de um regulamento por parte da Comissão que define as condições de atribuição desta ajuda. Os regimes de armazenagem privada financiam tradicionalmente os custos de armazenagem durante um período (normalmente de 180 dias), podendo a ajuda ser estabelecida por adjudicação dos operadores em concurso ou ser previamente fixada pela Comissão.

#### ✓ Medidas excecionais

Podem ser mobilizadas medidas *ad hoc* excecionais em caso de perturbações graves do mercado, conforme previsto no Regulamento OCM (UE) n.º 1308 / 2013:

- Medidas contra perturbações do mercado (art.º 219 OCM)
- Medidas relativas a doenças animais e perda de confiança dos consumidores (art.º 220 OCM)
- Medidas para resolver problemas específicos (art.º 221 OCM)

- Medidas relativas a acordos e decisões durante períodos de grave desequilíbrio nos mercados (artº.222 OCM)

#### 4.1.2. Ajudas diretas

No seguimento do desligamento das ajudas diretas no âmbito da reforma de 2005, Portugal, por opção política, decidiu manter todo o envelope ao abrigo das ajudas diretas, retendo o máximo possível daquele envelope, 10%, para uma ajuda ligada com vista a incentivar a melhoria da qualidade do azeite produzido bem como a concentração da oferta nos lagares e unidades de transformação uma vez que o setor era caracterizado pela pequena dimensão da área de produção, elevada dispersão na comercialização e reduzida concentração. Com a reforma de 2015, deixou de haver esta ajuda, pelo que o setor do azeite não tem medidas de apoio direto específicas.

## 5. ANÁLISE SWOT

### 5.1. Análise interna – Pontos fortes

- ✓ Portugal 7º Produtor mundial e 4º da UE
- ✓ Produção de azeites de qualidade reconhecida, associada às particularidades genéticas e edafoclimáticas permitindo obter azeites diferenciadores e DOP
- ✓ Variedades de azeitona de mesa de excecional qualidade e mercados com forte apetência
- ✓ Património genético autóctone adaptado a condições extremas contribuindo para a conservação dos recursos (incluindo os genéticos) e fixação de pessoas nos territórios rurais
- ✓ Cultura com um contributo positivo para o ambiente e sustentabilidade do meio, nomeadamente: - Grande vigor vegetativo importante na fixação/sequestro de carbono da atmosfera (neutralidade carbónica); - Diferentes modos de exploração (biodiversidade); - Conservação do solo, práticas culturais adequadas (enrelvamento entrelinhas com revestimento multifloral que permite a sustentabilidade de diferentes tipos de insetos); - Incorporação de resíduos em sistemas de compostagem (economia circular de raio curto)
- ✓ Novos olivais modernos em copa e em sebe em Modo de Produção Integrada (PRODI)
- ✓ Setor moderno e competitivo com elevada capacidade de abastecimento do mercado internacional.
- ✓ Existência de uma associação interprofissional do setor, Associação Interprofissional da Fileira Olivícola (AIFO).
- ✓ Dinâmicas empresariais mais orientadas para os requisitos dos mercados nacional e internacional
- ✓ Elevado nível tecnológico dos lagares em laboração

### 5.2. Análise interna – Pontos fracos

- ✓ Elevados custos de produção do olival tradicional

- ✓ Nível de mecanização relativamente baixo nos olivais tradicionais, aliado a problemas de baixas produtividades
- ✓ Problemas de falta de mão-de-obra
- ✓ Dificuldade de estruturação do setor em organizações de produtores
- ✓ Reduzido I&D no melhoramento das variedades autóctones
- ✓ Carência de meios de luta para o combate a pragas e doenças da oliveira devidamente atualizada
- ✓ Ausência de seguros credíveis que permitam defender as explorações das alterações climáticas.
- ✓ A transformação da azeitona de mesa de variedades nacionais não premeia a qualidade nem o aspeto visual.
- ✓ Canal HORECA pouco sensível às azeitonas de mesa de qualidade e pouco conhecedor das diferenças qualitativas e organolépticas das várias categorias de azeite
- ✓ Baixo grau de promoção genérica e de informação ao consumidor, o que origina dificuldade em distinguir e diferenciar diferentes categorias comerciais
- ✓ Reduzida dimensão e capacidade de internacionalização de grande parte das empresas do setor, com oferta muito concentrada em 3 ou 4 grandes empresas
- ✓ Consumo interno de azeite estagnado, apresentando mesmo uma tendência decrescente nos anos mais recentes (tal como acontece nos principais países produtores europeus)
- ✓ Preços ao produtor com forte dependência do mercado espanhol
- ✓ Mercado externo muito dependente de dois destinos – Brasil 38% (principalmente azeite de marca, embalado, de maior valor acrescentado) e Espanha 33% (principalmente azeite a granel)
- ✓ Fraca imagem ou mesmo desconhecimento total do Azeite Português na maioria dos mercados internacionais (exceto Brasil e Angola)

### 5.3. Análise externa – Oportunidades

- ✓ Vantagens nutricionais do consumo de azeite como um produto natural, saudável. Portugal integra o grupo da Dieta Mediterrânica, (cuja principal fonte de gordura é o azeite), reconhecida pela UNESCO como Património Imaterial da Humanidade
- ✓ Campanha inicia-se normalmente mais cedo que noutros países produtores, sendo um dos primeiros países produtores a obter azeites novos na campanha
- ✓ Aumento da procura de azeite em mercados não tradicionais – novos países consumidores
- ✓ O Azeite Português reconhecido e premiado em concursos internacionais de qualidade
- ✓ Especialização em segmentos de mercado com alto valor acrescentado – mercados de nicho
- ✓ Valorização de todos os produtos da cadeia de valor (incluindo os subprodutos)
- ✓ Diferenciação dos vários tipos de azeite em função da sua utilização (p. ex.: culinária)
- ✓ Agricultura de precisão, como resposta à utilização sustentável e eficiente de recursos, incluindo água, num contexto de alterações climáticas
- ✓ Potencial de aumento de consumo mundial como alimento de qualidade e valor acrescentado

- ✓ Aumento relativo nos últimos anos do destino Itália nas exportações portuguesas de azeite (embora maioritariamente a granel)

#### 5.4. Análise externa – Ameaças

- ✓ Imagem negativa junto da opinião pública do modo de exploração do olival moderno em sebe, aliado à falta de estudos credíveis com impacto, que justificam este tipo de condução
- ✓ Preocupação da sociedade em geral, muitas vezes por ignorância, com a dicotomia ambiente e clima versus intensificação da produção e atividades a jusante, como seja a extração do óleo de bagaço de azeitona
- ✓ *Xyllela fastidiosa* – ausência de soluções e ausência de controlos fronteiriços
- ✓ Falta de reconhecimento de azeite português com DOP em Portugal e nos mercados externos
- ✓ Aumento da produção nos países da bacia do Mediterrâneo e em outras áreas com condições edafoclimáticas favoráveis (Califórnia, Argentina, Chile, África do Sul, Austrália, etc. com custos de produção mais baixos
- ✓ Óleos vegetais concorrentes do azeite, em especial os vindos de fora da Europa com regras sociais e de produção muito alavancadoras de baixos preços
- ✓ Elevados custos associados à entrada/comercialização em alguns mercados externos